

GARCIA-GÓMEZ, Emilio

Todo Ben Quzmán. Editado, interpretado, medido y explicado. T. 1: Edición, traducción rítmica y notas de los zéjeles n.ºs 1 a 100; t. 2: idem, de los zéjeles n.ºs 101 a 193, Apêndices; t. 3: Métrica de Ben Quzmán y métrica española, los romancismos de Ben Quzmán. Madrid, Editorial Gredos [1972], XVII + 523, 524-975, 536 p.

Está de parabens a Filologia espanhola. Emilio García Gómez, sem dúvida o maior arabista de nossos tempos, acaba de surpreender os meios universitários e cultos do mundo inteiro, com a sua obra monumental, *Todo Ben Quzmán*, em 3 volumes, editada pela Gredos. Obra monumental porque os conhecedores do assunto prognosticavam a necessidade de uma equipe de orientalistas e romanistas para levar a cabo a edição definitiva do maior poeta andaluz da Idade Média. Emilio García Gómez é o terceiro ápice de um triângulo de orientalistas espanhóis que culminaram este século com trabalhos de alto valor científico no campo da investigação filológica: os dois primeiros, de notável memória, D. Julián Ribeira Tarragó e D. Miguel Asín Palacios — e aos quais é dedicada esta obra — foram seus mestres.

As duas datas de 1912 e 1919 marcam pontos culminantes da erudição orientalista na Espanha (que tem como campo as relações entre o Islão e a cristandade ocidental): em 1912, na Real Academia Espanhola, pronunciou Julián Ribera o seu extraordinário discurso de ingresso intitulado “El Cancionero de Aben Guzmán” (reimpresso em 1928, em suas *Disertaciones y Opúsculos*, Madrid, Maestre, p. 3-92); sete anos depois Miguel Asín Palacios pronunciou o seu, no ato de sua recepção pública na mesma Academia, acerca da “Escatología musulmana de la Divina Comedia” Mestres e discípulos, os três vêm irmanados desde 1919, pois a oração de resposta ao discurso de Asín Palacios foi proferida por Julián Ribera; e em 1927, diante da inexequibilidade de ser republicado o magistral discurso sobre a obra de Dante, Emilio García Gómez fez dele um resumo e o prefaciou, sob o título de *Dante y el Islam*, que saiu publicado pela Editorial Voluntad de Madri.

Da monumentalidade da obra de Asín Palacios, diga a onda de polémicas suscitada em toda a Europa culta, cuja história e crítica vem apensa à 2.^a edição da *Escatología musulmana en la Divina Comedia*, Madrid-Granada, CSIC, 1943, p. 469-609; da importância da comunicação de Julián Ribera sobre o cancionero cuzmani, digam as várias dezenas de romanistas e orientalistas que se debruçaram sobre a gênese da poesia medieval européia.

Depois da revelação de Júlian Ribera, a única tentativa de publicação dos poemas de Ben Quzmán foi a do filólogo norteamericano A.R. Nickl, que em 1933 publicou *El Cancioneiro de Aben Guzmán*, edição integral do códice, em caracteres latinos, com um prólogo e tradução parcial dos 149 poemas, tradução fragmentária de outros e um resumo dos demais. Depois desta, é de registrar a edição crítica parcial do mesmo cancionero, feita pelo romanista finlandês O. J. Tuulio, publicada em Helsinski em 1941, trabalho de valor controverso, considerado “irresponsável” e “delirante” pelo próprio García Gómez. Entre esta publicação e a recente de Emilio García Gómez (1972), os meios científicos ficaram na expectativa de uma edição definitiva que vinha sendo prometida há muito tempo pelo lingüista francês G. S. Colin, o mesmo que, na revista *Hesperis* (XVI, 1933, p. 165-169) fez da edição de Nikl uma recensão impiedosa. Esta edição, que contava com a colaboração do grande orientalista E. Lévy-Provençal, vem sendo aliás prometida há mais de 30 anos.

O nosso objetivo não é resenhar criticamente a obra recente de García Gómez, realmente definitiva, fruto de largos anos de investigação apaixonada, senão tão somente apresentá-la aos estudiosos brasileiros, tentando antes recordar algumas conquistas anteriores do seu Autor no campo da filologia islâmico-românica.

Madrilenho de 1905, Emilio García Gómez entrou para a carreira de orientalista ainda jovem, ligando-se ao seu mestre Miguel Asín Palacios, com 19 anos apenas, na Cátedra da Universidade Central, tendo colaborado com ele na famosa revista de estudos islâmicos e românicos *Al-Andalus*; antes de sucedê-lo nessa Cátedra, García Gómez fora catedrático na Universidade de Granada, de cuja Escola de Estudos Árabes foi o primeiro diretor. Desde cedo, portanto, manifestou acentuada vocação para os estudos da cultura árabe, tendo publicado, na *Revista de Archivos*, em 1926, um importante ensaio de literatura comparada a propósito de uma curiosa fonte árabe de *El criticon* de Baltasar Gracian, intitulado “Un cuento árabe, fuente común de Aben-tofail y Gracián” Prossequindo na crítica genética, realizou estudos sobre as lendas francesas medievais e suas fontes árabes, publicando em 1929 *Un texto árabe occidental de la leyenda de Alejandro*, trabalho premiado pela Real Academia Espanhola. Um ano depois surge a sua obra tão louvada pela crítica, *Poemas arabigoandaluces* (saída em 2.^a edição na Col. Austral, n. 162, em 1942), onde o Autor apresenta um importante esboço da história externa da lírica arabigoandaluz, com a tradução de 112 espécimes poéticos de quase uma centena de poetas árabes do Ocidente, do Centro e do Oriente de Al-Andalus, na sua maioria inéditos, procedentes da Antologia de Ben Said, intitulada *Kitab rayat al-mubarrizin wa-gayat al-mu-mayyazin*. Três anos depois sai, na mesma coleção, outra antologia de *Cinco poetas musulmanos* (*Mutanabbi*, o maior poeta dos árabes; *al-Sarif al Taliq*, “o príncipe anistiado”; *Abn Ishaq de Elvira*, *Aben Guzmán* e *Ibn Zamrak*, o poeta da Alhambra)

Os pontos mais altos, entretanto, desta brilhante carreira de García Gómez, foram assinalados pelos seus trabalhos da maturidade, em que, superando as suas investigações no campo das fontes, inicia a fase que chamaríamos *antológica*, publicando a produção dos vates andaluzes, inéritos ou parcialmente conhecidos, com estudos biográficos, interpretações críticas e indagações métricas; para depois culminar com os dois trabalhos magistrais: *El collar de la paloma* (Madrid, Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1952) e o recente cancionero *Todo Ben Quzmán*. No primeiro, García Gómez nos dá a tradução do célebre Tratado sobre o Amor e os Amantes, do filósofo Ibn Hazm de Córdoba, obra que foi prologada por Ortega y Gasset; no segundo, o Autor reúne toda a matéria cuzmaniana que foi motivo de largas disquisições ao longo de sua carreira de filólogo, que nestes últimos 12 anos andou repartida com as suas atividades de embaixador no Oriente.

A tradução do tratado amatório de Ibn Hazm tem a sua história: em 1931, quando García Gómez regia a Cátedra em Granada, Nikl publica a primeira versão, para o inglês, de *O colar da pomba*. Baseada nela, García Gómez empreende a tradução espanhola, submetida depois pessoalmente à apreciação de Nikl, que em 1933 estanciava na Espanha publicando o seu Cancioneiro de Ibn Cuzman. Com as indicações e os conselhos preciosos do filósofo norteamericano, García Gómez inicia a publicação de três capítulos da obra de Ibn Hazm na *Revista de Occidente*, interrompida logo mais pela revolução civil de 1936. Entre este ano e a data da publicação integral de sua tradução, decorreram mais de 15 anos, abençoado lapso de tempo que permitiu a García Gómez não só aprimorar o seu trabalho em face das inúmeras versões surgidas nas principais línguas da Europa, como aprofundar os seus estudos acerca do filósofo árabe, estudos esses que constituem a substancial e erudita introdução à obra de Ibn Hazm. A propósito desse tratado amatório do século XI, cuja importância para o conhecimento da poesia amorosa ocidental foi exagerada (especialmente por Américo Castro nas suas analogias entre a poesia do Arcipreste de Hita e *O colar da pomba*), já nos pronunciámos em 1961 (*Supl. lit. d'O ESTADO DE SÃO PAULO*, 2 de set.)

Feito assim um rápido e insubstancial esboço da brilhante carreira de García Gómez, passemos agora a uma apresentação também sumária e provisória de sua obra capital publicada pela Gredos (até que apareça a re-
censão crítica que o seu trabalho merece). A própria apresentação não é fácil, dada a complexa estruturação da obra, cujo propósito foi o de exaurir a matéria cuzmani, com a publicação da tradução integral de seu cancionero e de todos os estudos que realizou sobre a poesia de Ibn Cuzman ao longo de uma religiosa dedicação à causa da cultura árabe na Península Ibérica. Trabalho de feição germânica portanto, nele García Gómez “enxugou o campo” — como se diz na gíria brasileira. O 1.º e o 2.º volumes, de quase um milhar de páginas, oferecem toda a obra poética de Ben Cuzmán, isto é, os 149 poemas zejelescos que haviam sido publicados por

Niki em 1933, mais 44 zéjeis inéditos — alguns completos, outros em fragmentos —, procedentes de outras fontes: de Hilli e de Ben Mubarakshah, do “Mugrib” de Ben Sa’id, da Geniza do Cairo e de Nawagi, e dos prolegómenos de Ben Haldun —, integralizando assim 193 peças poéticas. O 2.º volume termina com vários apêndices sobre os refrães do Poeta e a história do único manuscrito existente do *Cancioneiro*, do século XIII, que, como se sabe, se encontra no Museu Asiático de São Petersburgo (Leningrado), desde princípios do século XIX. O 3.º volume, que com os anteriores totaliza 1511 páginas, compreende a massa dos estudos realizados acerca da poesia cuzmani, especialmente no campo da versificação: uma anatomia completa, não só dos zéjeis como das carjas do Poeta, seguida de um levantamento dos “romancismos”, das onomatopéias e das interjeições. Na esteira da praxe edótica, a tradução dos zéjeis de Ibn Cuzman é justalinear, isto é, na página esquerda o texto árabe transliterado em caracteres latinos, e na direita a versão rítmica espanhola, com a classificação métrica, encimados por uma interpretação do poema e arrematados por notas elucidativas.

Com a publicação deste *Cancioneiro*, que veio alargar os horizontes da cultura andaluz do século XII e abrir perspectivas para um conhecimento mais seguro das origens das formas poéticas românicas, García Gómez realizou um verdadeiro milagre editorial.

No Brasil, onde estudos dessa natureza fascinam filólogos de paixões frustradas e extemporâneas, talvez não tenha repercussão o empreendimento do grande orientalista espanhol; mas o mundo culto da Filologia no mais alto sentido, haverá de aplaudir a extraordinária publicação de Emilio García Gómez, debruçando-se nela para novas aventuras da inteligência crítica.

Segismundo Spina